



COSTA, Lorena Lopes da. “Heróis antigos e modernos: a falsificação para se pensar a história”.

1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018, 384 p., ISBN 8580543592.

Book Review

Rafael Guimarães Tavares da Silva¹

e-mail: gts.rafa@hotmail.com

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8985-8315>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i1.21675>

Na história moderna do Ocidente, os Estudos Clássicos desfrutaram de uma posição de prestígio poucas vezes seriamente questionada por seus possíveis críticos ou detratores, pelo menos até o século XIX. Embora diferentes atualizações da célebre *Querelle des Anciens et des Modernes* possam ser identificadas no interior do pensamento de praticamente todo intelectual que tenha se dedicado a refletir sobre as dificuldades de se lidar com a antinomia tradição-inovação, é inegável que o estudo dos autores clássicos – latinos e gregos – constituiu a base da educação ocidental até meados do século XX. Tal como sugerido por Bill Readings (1996), contudo, mudanças socioculturais, acompanhadas por uma transformação no paradigma universitário, têm balançado as antigas certezas sob as quais essa educação parecia estar fundamentada. Desde então, os Estudos Clássicos vivenciam uma crise em diversas frentes: em primeiro lugar, perante a sociedade que lhes coloca as inevitáveis questões do “por quê?” e do “para quê?”, guiadas por um utilitarismo altaneiro, ainda mais quando exhibe o orçamento restrito das universidades e vocifera a necessidade de certa priorização nos gastos públicos; em segundo lugar, perante outros campos das Humanidades, que lhes interpelam com incômodas questões sobre a manipulação da cultura clássica como forma de perpetuação da violência simbólica legítima – não apenas durante governos totalitários (CANFORA, 1980) – e mesmo como forma de manutenção do *status quo* social (BOURDIEU; PASSERON, 1970); em terceiro lugar, perante o próprio campo, na medida em que ainda existe quem defenda a adoção, no trato com os Estudos Clássicos, de uma perspectiva antiquária ou monumental (no sentido que Nietzsche dá a esses termos em sua *Segunda consideração extemporânea*).

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil, sob orientação do Prof. Dr. Teodoro Rennó Assunção e coorientação do Prof. Dr. Nabil Araújo de Souza. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

Essa situação geral já é muito delicada, embora constitua um desafio ainda mais complicado para quem trabalha com esse campo no Brasil, um país que – além de não ter uma tradição de ensino e pesquisa já consolidada o bastante – tem testemunhado inúmeras formas de descaso e desconfiança com a área de educação, a partir de acusações contra uma pretensa doutrinação ideológica e corruptora da juventude (CLETO, 2016, p. 46; SEMER, 2016, p. 112).

Levando em conta esse horizonte bastante negativo, o livro da historiadora brasileira Lorena Lopes da Costa, fruto de sua pesquisa de doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação do professor José Antonio Dabdab Trabulsi, surge como uma verdadeira promessa de novas possibilidades de porvir para os Estudos Clássicos no país. Dividido em duas grandes seções, *Heróis antigos e modernos* traça um paralelo entre o modo como a figura do herói veio a ser apropriada pela tragédia ateniense no final do século V a.C. e pelo romance francês do início do século XX. Lidando com contextos históricos bastante diferentes, ainda que ambos marcados por experiências de guerra especialmente traumáticas – devido aos patamares de violência aí alcançados e nunca antes vistos –, a pesquisadora avança reflexões contundentes para nosso próprio presente e sugere modos alternativos de se lidar com a tradição clássica de forma instigante e inovadora. Antes de passarmos a uma sucinta apreciação da maneira como o argumento se desenrola, valeria a pena dedicar alguns instantes a explicitar a noção de “falsificação”, presente no subtítulo do livro (“a *falsificação* para se pensar a história”) e que fundamenta sua hipótese investigativa.

Em seu “Primeiro argumento”, a historiadora parte do seguinte pressuposto, que está subjacente a todo o livro:

Falsificar é uma necessidade histórica. É esta a tese do presente trabalho dita em poucas palavras. Dá-se o nome, aqui, de *processo de falsificação* à retomada de histórias que questionam e desconstruem os mitos, reconstruindo-os. Ele responde à necessidade histórica de romper com o passado através do questionamento, por meio de histórias que informam o passado ao presente, mantendo-as como um caminho narrativo que permite a elaboração de questões que, justamente, nascidas no presente, não encontram respostas satisfatórias nas histórias já contadas no passado. (COSTA, 2018, p. 31).

Tal como afirmado anteriormente, a autora analisa essa hipótese em dois contextos cuja ruptura com o passado é especialmente radical: o período da guerra do Peloponeso e da Grande Guerra. Para isso, ela tece uma série de considerações sobre o que entende por “falsificação” a fim de preparar o terreno para suas análises comparativas: sugerindo a importância do *pseúdos* [mentira; engano] para a compreensão da civilização helênica na antiguidade, Costa (2018, pp. 63-64) desdobra os sentidos possíveis do verbo grego *parakharáttein* (sem desconsiderar práticas do campo semântico relacionado a ele) e que podem ser sintetizados do seguinte modo: i) falsificar a moeda; ii) marcar o caráter [*kharaktêr*] de uma moeda falsa para tirá-la de circulação; iii) reavaliar uma moeda que, embora não seja oficial (i.e., feita nas oficinas autorizadas pela *pólis*), é idêntica em caráter, valor ponderal e metálico, a fim de recolocá-la em circulação.

Levando em conta essas ideias e suas implicações para a forma como a cultura lida com seu passado – metonimicamente tomado aqui a partir da figura de certos heróis característicos dessa cultura, como Odisseu, Menelau e Filoctetes –, o livro passa a analisar algumas tragédias do século V a.C., considerando que esse gênero poético retoma o material mítico tradicional, sobretudo de base homérica, e imprime um novo caráter sobre ele, fabricando uma nova moeda “falsa-verdadeira”.

Como a moeda falsa-verdadeira que tem o “mesmo caráter que o ateniense”, mas não tem o caráter ateniense, o herói trágico vai ter o mesmo caráter que o herói do passado”, mas não o caráter do herói do passado. Essa nova moeda, tal como a verdadeira, vai poder circular livremente por Atenas, mas, apenas por ser como a verdadeira e, portanto, por não ser a verdadeira é que ela será capaz de colocar o uso corrente da verdadeira em questão. (LOPES, 2018, p. 69).

Como se nota, esse é o ponto de partida da “primeira seção” do livro, embora seus pressupostos sejam compartilhados pela tese geral defendida pela autora (isto é, eles valem também para as considerações sobre os romances escritos no início do século XX, na forma como “falsificam” as figuras heroicas no contexto da Grande Guerra). No capítulo I, o principal objeto de análise é a peça *Troianas* de Eurípides; no capítulo II, a autora se volta para *Helena*, do mesmo tragediógrafo; enquanto, no capítulo III, dedica suas considerações a *Filoctetes*, de Sófocles. Uma resenha não dispõe de espaço suficiente para visitar detidamente essas instigantes análises, mas gostaríamos de fazer breves considerações sobre as mesmas antes de passarmos para o “Argumento de transição” que a autora propõe antes de dar início à “segunda seção” de seu livro.

Lidando com as tragédias gregas como documentos históricos em diálogo direto com a sociedade que as tornou possíveis naquele contexto, Costa avança uma série de análises de viés transdisciplinar que interessarão tanto aos historiadores quanto aos estudiosos da literatura e da cultura de modo geral. Sua leitura das *Troianas* (peça exibida por Eurípides em 415 a.C.) à luz dos eventos trágicos da campanha contra Melos e da história ateniense recente ganha uma pungência inquestionável. Igual relevância demonstra a maneira como a autora relaciona *Helena* (também de Eurípides, representada poucos anos depois, em 412 a.C.) e *Filoctetes* (de Sófocles, exibida em 409 a.C.) aos desastres bélicos e sociais que Atenas conhecia naqueles anos finais da Guerra do Peloponeso, inclusive com demonstrações que levam em conta itens do léxico de autores de outros gêneros discursivos, como Tucídides, Aristófanes e Platão.

Explicitando o viés transdisciplinar dessa abordagem, gostaríamos de destacar o fato de que Costa adota um posicionamento abertamente combativo em defesa de seu método crítico de leitura. Após denunciar o paradoxo em que certos intérpretes baseariam a petição de princípio de análises a-históricas – isto é, o paradoxo segundo o qual “por um lado, as tragédias gregas têm um caráter profundamente histórico e, por outro, a busca de referências diretas é um método que pouco auxilia a esclarecer uma peça” (COSTA, 2018, p. 144) –, a pesquisadora afirma o seguinte:

Ora, se um texto tem um caráter profundamente histórico, uma interpretação que não busque entender esse caráter pouco entenderá do texto. Ademais, soma-se a isso, por um lado, a natureza mesma do texto, que é mimética, e, por isso, sempre

marcada pela história; e, por outro, a natureza mesma da tragédia, que, particularmente, retoma o mito para representá-lo diante da cidade, modificando-o conforme convém ao poeta e conforme exige a realidade coeva, de tal maneira que a tragédia pode ser entendida [...] como um “espelho trincado”. (COSTA, 2018, p. 144).

A remissão aqui é ao célebre livro *Le Miroir brisé* [O espelho quebrado], do historiador francês Pierre Vidal-Naquet (2002), dedicado justamente a um estudo histórico entre a tragédia e a política de Atenas. Esses mesmos princípios hermenêuticos estarão presentes nas análises que, depois de um “argumento de transição” – no qual a autora tece considerações sobre certo retorno desestabilizador à figura heroica tradicional como meio de contornar o silêncio do trauma histórico –, serão propostas a certos romances franceses escritos e publicados durante e após a Grande Guerra. Contrapondo-se às representações triunfalistas desse evento histórico, como as que estão presentes nos escritos de um Ernst Jünger ou de um Albert Thibaudet, esses romances retornam à tradição clássica e suas representações heroicas, mas o viés crítico adotado por eles só pode ser efetivamente compreendido por quem leve em conta as vivências históricas daqueles que os escreveram:

Os heróis continuam sendo elementos importantes, mas totalmente destoantes quanto à caracterização que a tradição lhes imputa. É a Grande Guerra o motivo da transformação. A guerra, enfim, mais uma vez, transforma a relação do falso com o verdadeiro nos registros que a desvelam. Nesse caso, eles se oferecem como ferramenta para que os autores busquem desvencilhar-se da tradição heroica que integram. Isto é, alguns dos escritores utilizam o próprio código heroico homérico, bem como os heróis épicos da tradição grega, não apenas para comunicarem sua experiência na guerra, mas para buscarem extrair dela, vindo na guerra vivida um momento de ruptura e não de continuidade, a extradição do herói, que já não pode existir senão como uma mentira. (COSTA, 2018, pp. 238–239).

Valendo-se dos mesmos pressupostos anteriormente delineados, a autora dedica então os capítulos IV, V e VI à interpretação dos seguintes romances: *Elpénor* [*Elpenor*], publicado por Jean Giraudoux em 1926; *Naissance de l'Odysée* [*O nascimento da Odisseia*], escrito por Jean Giono entre os anos de 1924 e 1930; *Les aventures de Télémaque* [*As aventuras de Telêmaco*], publicado por Louis Aragon em 1922. No “Terceiro argumento”, encaminhando já a conclusão do livro, autora tece breves considerações também sobre *Le Retour d'Ulysse: roman d'un démobilisé* [*O retorno de Ulisses: romance de um desmobilizado*], publicado por Jean Valmy-Baysse em 1921. Em todas essas análises, a capacidade crítica alia-se à consciência histórica e a um amplo domínio da tradição literária, levando a reflexões que iluminam o contexto geral da Grande Guerra e do período de instabilidade sociopolítica que se seguiu a ela. Em certos momentos de sua argumentação, a autora inclusive alcança uma argúcia interpretativa que faz com que suas considerações se tornem verdadeiros *insights* de filosofia da história.

Em vista de todos esses pontos, apenas brevemente aludidos nesta curta resenha, acreditamos que a leitura dessa obra interessará não apenas aos Estudos Clássicos, Literários e Históricos, mas a quem quer que reflita sobre cultura e sociedade de modo geral. Aos olhos do leitor, a hipótese avançada por Lorena Lopes da Costa parece transcender as limitações dos contextos históricos esmiuçadamente analisados por ela e ganhar a pungência de um postulado filosófico sobre a condição humana. Nesse sentido, encerremos aqui com as palavras de conclusão da própria autora:

A guerra de 1914, e também a do Peloponeso, alterando a forma de seus heróis, respondem à transformação do lugar do herói na guerra. A *falsificação* da tradição, dessa forma, diminui a distância temporal entre essas guerras e a Guerra de Troia. Esta acolhe a Guerra do Peloponeso e a Grande Guerra de tal maneira que ressignificar a primeira é descrever a segunda e a terceira, e descrevê-las depende de ressignificar a primeira. A *falsificação* é, enfim, um procedimento que, longe de ser um capricho da erudição, como algumas vezes pareceu aos críticos das releituras francesas, ou um mecanismo ordinário ao qual obedeciam as tragédias, deve ser pensado como *necessidade histórica*. (COSTA, 2018, p. 427).

Referências bibliográficas:

- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *La reproduction: éléments pour une théorie du système d'enseignement*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1970.
- CANFORA, Luciano. *Ideologie del classicismo*. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi, 1980.
- CLETO, Murilo. O triunfo da antipolítica. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Org.). *Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 43-54.
- COSTA, Lorena Lopes da. *Heróis antigos e modernos: a falsificação para se pensar a história*. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.
- READINGS, B. *University in ruins*. Cambridge; London: Harvard University Press, 1996.
- SEMER, Marcelo. Ruptura institucional e desconstrução do modelo democrático: o papel do Judiciário. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Org.). *Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 107-114.
- VIDAL-NAQUET, Pierre. *Le Miroir brisé: Tragédia athénienne et politique*. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

